

O CINEMA E A GEOGRAFIA NUM PERCURSO  
DE DOR: A VIA CRUCIS DE DORA EM  
*CENTRAL DO BRASIL*

*EL CINE Y LA GEOGRAFÍA EN UN  
RECORRIDO DE DOLOR: LA VÍA CRUCIS DE  
DORA EN CENTRAL DO BRASIL*

*CINEMA AND GEOGRAPHY IN A JOURNEY OF  
PAIN: THE VIA CRUCIS OF DORA IN  
CENTRAL DO BRASIL*

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

Prof. Dr. da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de  
Campinas-SP.

E-mail: [wences@unicamp.br](mailto:wences@unicamp.br)

**Resumo:** Como forma de melhor focar a questão imagética, tanto em pinturas, fotografias quanto cinematográficas, optou-se aqui trabalhar a partir da forte semelhança formal e de sentido entre as imagens das Pietás cristãs e a cena de Dora ao colo de Josué no filme *Central do Brasil*. Destas interações e mútuas interpretações, buscou-se descobrir uma possível geografia a partir de outras marcas da presença de uma narrativa bíblica submersa nesta narrativa dramática do cinema. A intenção é apresentar os momentos do filme em que o drama da personagem Dora atualiza e refaz a paixão de Cristo, lembrada na e pelas estações que compõem a Via Crucis. Neste movimento de pesquisa e interpretação, serão levadas em consideração tanto as semelhanças formais das imagens do filme com a narrativa da Via Crucis presente em nossa cultura, bem como as interpenetrações de sentido existentes entre cada estação desta narrativa cristã e os momentos vividos pela personagem em sua viagem – seu percurso – em direção a busca de sentido, de orientação e localização na vida a partir do sertão brasileiro, enquanto local de identidade possível.

**Palavras-chave:** imagem; cinema; percurso; dor; Via Crucis.

**Resumen:** Con el objetivo de tener mejor foco en la cuestión imagética, tanto en pinturas como en fotografías o imágenes cinematográficas, se eligió trabajar con la fuerte semejanza formal y de sentido entre las imágenes de las Pietás cristianas y la escena de Dora en el regazo de Josué en la película *Central do Brasil*. De estas

interacciones y mutuas interpretaciones, se buscó descubrir una posible geografía a partir de otras huellas de la presencia de una narrativa bíblica sumergida en esta narrativa dramática del cine. La intención es presentar los momentos de la película en los que el drama del personaje Dora actualiza y rehace la pasión de Cristo, destacada en la y por las estaciones que componen la Vía Crucis. En este movimiento de investigación e interpretación, se llevará en cuenta tanto las semejanzas formales de las imágenes de la película con la narrativa de la Vía Crucis presente en nuestra cultura, como las relaciones de sentido existentes entre cada estación de esta narrativa cristiana y los momentos vividos por el personaje en su viaje- su recorrido- hacia la busca de sentido, de orientación y localización en la vida a partir de la región agreste brasileña, como local de identidad posible.

**Palabras clave:** imagen; cine; recorrido; dolor; Vía Crucis.

**Abstract:** As a way to better focus on the imagetic matters not only in paintings and photographs but also in cinematographic stills, it was opted to work through the strong formal similarity and the meaning between the images of the Christian Pietas and the scene of Dora on the lap of Josué in the film *Central do Brasil*. Based on these interactions and mutual interpretations, it was tried to find out a possible geography from which other markings of the presence of a biblical narrative veiled in this dramatic movie narrative. The intention was to present the moments of the film in which the drama of the character Dora is updated and it remakes the passion of Christ, recalled in and by the Stations of the Via Crucis. In this movement of research and interpretation, both the formal similarities of the images of the film with the narrative of the Via Crucis present in our culture and the sense interpenetrations present in each station of this Christian narrative as well as the moments lived by the character in her journey - her trajectory - towards a search for meaning, orientation and location in life from the Brazilian backwoods as a possible place of identity will be taken into consideration.

**Key words:** image; cinema; journey; pain; Via Crucis.

## OS INÍCIOS

Duas foram minhas entradas para a aproximação que ora realizo entre o filme *Central do Brasil* e a Vía Crucis ou Vía Sacra Cristã.

A primeira destas convergências teve origem imagética: da imagem de divulgação do filme, na qual Dora é amparada por Josué após ter desmaiado na noite anterior, à imagem de Cristo descido da cruz, amparado pela mãe. Este momento é considerado a décima terceira estação da Vía Crucis e suas representações nas artes são mais conhecidas como Pietás.

A posição dos dois personagens principais das duas imagens, um no colo do outro, me levou a realizar esta primeira aproximação. O que ampara está sentado e o amparado deitado em seu colo; o que recebe o corpo do outro o olha com carinho e dor, enquanto o corpo que segura jaz por terra.

A segunda convergência foi textual e me chegou da leitura do artigo *O poder do adeus na Central do Brasil*, de Carlos Alberto Afonso. Logo na segunda página, o autor escreve:

O uso de temas e nomes repertoriados da grande tradição bíblica, para inscrever o modo de vida e a aventura destes brasileiros com destinos modestos, desenvolve articulações simbolicamente produtivas entre vulnerabilidade humana, potência de espírito e um texto sagrado, onde o Brasil torna a Bíblia real e a Bíblia torna virtual o Brasil. (AFONSO, 1999, p. 10).

Ainda que eu as tenha hierarquizado em primeira e segunda convergências, na verdade foi uma que iluminou o caminho da outra, sendo a leitura do artigo que disparou a semelhança imagética das Pietás com o cartaz de *Central do Brasil* na direção da Via Crucis, tomada em sua inteireza simbólica.

Reconheço que fiz e faço este caminho feito peregrino em sua primeira viagem: deslumbrado com os encontros, ainda sem muito o que dizer deles. O que apresento a seguir é, portanto, o agrupamento, ainda um tanto aleatório, do que encontrei em materiais diversos sobre a Via Crucis, suas imagens, sua história, seus sentidos antigos e atuais para os cristãos, bem como das muitas miradas que dei ao filme, tendo como pano de fundo os estudos que fiz destes materiais encontrados.

Desta forma, cruzado a estes estudos e buscas bibliográficas e internauticas, realizei o estudo pormenorizado do filme. Vi, revi, vi novamente e outras vezes mais. É somente no rever as imagens e sons fílmicos que a pesquisa fílmica se dá em sua inteireza. Anotei momentos, selecionei trechos e capturei imagens que apontavam, em sentidos e formas, para os sentidos e formas das estações da Via Crucis. Sentidos e formas vinculados à narrativa fílmica que serão deslocados na direção dos sentidos e formas assumidos pela Via Crucis na cultura ocidental.

## VIA CRUCIS E CINEMA COMO PRÁTICAS SOCIAIS

Foi somente no século XVI que a versão atual da Via Crucis se expandiu e, de certo modo, apagou as demais versões com que eram realizados os exercícios espirituais nela propostos. Até então, nem mesmo o sentido em que o percurso se dá – do local da condenação ao local do sepultamento – era o atualmente prescrito. Também o número das estações variava bastante e, mesmo hoje, a versão mais aceita e seguida, em catorze estações, é muitas vezes acrescida de uma décima quinta, aquela em que se lembra e venera a ressurreição de Cristo.

Em relação ao motivo da criação da Via Crucis ainda no período medieval, num dos sites pesquisados, lê-se:

O exercício da Via Sacra consiste em que os fiéis percorram mentalmente a caminhada de Jesus a carregar a Cruz desde o pretório de Pilatos até o monte Calvário, meditando simultaneamente a Paixão do Senhor. [...] Há certas devoções do povo cristão que nada mais são do que a forma simplificada de exercícios de piedade solenemente praticados pelos cristãos antigos ou medievais. [...] Já que a peregrinação aos lugares santos da Palestina é um ideal para todo cristão, ideal, porém, que nem todos conseguem realizar, a Igreja consentiu em que os fiéis pratiquem uma peregrinação em espírito, enriquecida de graças semelhantes às que estão anexas a uma verdadeira peregrinação. É o que se dá justamente no exercício da Via Sacra. (BETTENCOURT, 1993, p. 2).

A Via Crucis seria, então, uma espécie de imaginação/percurso geográfico do caminho da redenção humana, ou seja, uma peregrinação em miniatura – na ausência de deslocamento corporal – pelos passos da Paixão de Cristo, reconhecida pela Igreja como prática de fé devido às impossibilidades dos cristãos espalhados por todo o planeta de realizar a peregrinação na própria Palestina.

De certa maneira, é esta também a esteira de minha argumentação em relação ao cinema e ao filme *Central do Brasil*: as narrativas dramáticas do cinema possibilitam aos cristãos de hoje reviver em emoções os sentidos da Paixão de Cristo, sem com isto reconhecê-los

conscientemente. Não me refiro aqui aos cristãos de fé, mas aos de cultura, todos nós ocidentais, por assim dizer. Aqueles que submersos na cultura secularizada e urbana não necessariamente reconhecem os preceitos cristãos subjacentes aos seus modos de subjetivar-se e identificar-se no mundo.

Diante da tela do cinema, peregrinamos com Dora e Josué até a terra santa de Bom Jesus do Norte. O filme *Central do Brasil* seria então uma miniatura da Via Crucis, ainda que a assistência a ele não seja reconhecida pela Igreja como ato de fé.

Milton José de Almeida (1999) aponta o cinema como um local onde rememoramos. Assumo, com este autor, ser o cinema o lugar contemporâneo onde expiamos nossas culpas e espiamos a vida dos personagens como exemplos para as nossas (Pasolini, 1982). Assim como milhões de fiéis convictos leram o livro *Imitación de Cristo*, de Tomás de Kempis, entre os séculos XV e XVII, de modo a tomar a vida dele como exemplo para a sua, atualmente milhões de fiéis secularizados assistem filmes também na intenção de encontrarem ali exemplos de vida a serem imitados. Mas não só e nem principalmente é isto que nos leva ao cinema, afinal entretermo-nos é muitas vezes mais importante, nos dias atuais, que realizar o processo de salvação ou individuação, seja na fé, seja em qualquer outro sentido ou busca.

## DORA E CRISTO

A partir da associação entre a imagem do amanhecer de Dora ao colo de Josué com as imagens produzidas na cultura ocidental cristã acerca da décima terceira estação da Via Crucis, busquei na narrativa fílmica de *Central do Brasil* outras imagens e momentos que aludissem às demais estações.

Sem dúvida esta é uma interpretação provisória e passível de retomadas e ampliações, ratificações e retificações necessárias a uma pesquisa que pretende encontrar as formas como os preceitos cristãos se imiscuem em obras da cultura contemporânea brasileira, notadamente a cinematográfica.

Na observação cuidadosa do filme, tendo como pano de fundo as quinze estações da Via Crucis, encontrei marcas que associei a doze destas estações, mantendo o filme a mesma sequência de exercí-

cios de piedade – ensinamentos vivenciados – no ato cristão de reviver em imaginação a Paixão de Cristo.

Assumindo a Via Crucis como “um exercício de piedade segundo o qual os fiéis percorrem mentalmente com Cristo o caminho que levou o Senhor do Pretório de Pilatos até o monte Calvário” (BETTENCOURT, 1993, p. 2), é justamente a sequência de experiências rememoradas em determinada ordem que leva o fiel a se apiedar de Cristo. Esta seria a mesma estratégia presente na narrativa fílmica de *Central do Brasil*: acompanhamos uma série ordenada de acontecimentos na vida de Dora que leva os espectadores a apiedar-se dela, do seu padecimento, da sua paixão.

Ao acompanharmos a vida de Dora, nos identificamos com a personagem do filme e, no corpo dela, revivemos em nós a narrativa fundadora da religião sobre a qual se apóia muito de nossa cultura. Dito de outra maneira, Dora é Cristo – ou, para os mais prudentes, Dora torna-se Cristo – uma vez que a parte da vida dela que o filme nos mostra se identifica quase que pontualmente com a parte da vida de Cristo que configura a Via Crucis, percurso e cenário da Paixão, padecimento de Cristo pelos homens.

Mas qual parte da vida destes dois personagens acompanhamos em *Central do Brasil* e na Via Crucis? A sua transformação ou transmutação. O seu reviver em outra forma, o seu renascer numa vida mais luminosa, mais próxima do Amor, seja ele o amor familiar secularizado ao qual Dora adentra quando aprende a amar Josué, seja o amor divino ao qual adentra Cristo ao ressuscitar e subir aos céus. Tanto no filme quanto na história cristã este adentrar ao Amor é apresentado como uma reaproximação do Pai.

Em termos semelhantes, não mais como reencontro, mas como procura, escreve Carlos Alberto Afonso (1999, p.10) no artigo já citado: “A procura do pai é uma inequívoca metáfora religiosa ocidental para a tentativa de estar junto da criação e do significado da vida. O pai que se procura é um tropo para a procura do Deus Pai”.

Seja na procura explícita de Josué por seu pai biológico, seja na procura de Dora pelo amor do pai, o encontro com ele, o Pai, só será possível ao personagem, Dora, que trilhou os passos na dor de Cristo. Ao outro, Josué, caberá esperar pela chegada dele ao lado dos irmãos. Mas também podemos seguir por outra interpretação, aque-

la que toma Josué como sendo o próprio Cristo, uma vez que Josué é uma outra forma de grafar/dizer o nome Jesus. Neste caso, é ele, por já ter vivido os passos e a dor, quem guia Dora em seu próprio caminho de reencontro com o pai.

## A DOR E A ENTREGA TOMADAS COMO PERCURSO

Assim como a Via Crucis é identificada como um percurso realizado no território sagrado que se constitui de catorze ou quinze paradas – locais – para a meditação e o relembrar, a dobra que fiz das sequências filmicas na direção desta narrativa cristã foi caracterizada por locais. Cada um destes locais corresponde a uma das estações da peregrinação mental.

Em cada um deles o filme nos propõe uma parada, que pode ser sentida como um nó na garganta, um soco no estômago, uma lágrima na face. Em todas estas paradas – em todos estes locais da peregrinação filmica – há a presença de um certo desassossego, um certo ensinamento, uma certa dor.

A dor, na verdade, é a guia para o caminho da transformação, nos termos cristãos. Transformação esta significada pelo ato simultâneo de entrega e abandono vivido pelos dois personagens focados neste texto: enquanto Cristo entrega sua própria morte aos homens, Dora entrega sua condição de mulher ao mundo. Os dois têm no abandono da vida anterior o ato necessário e realizador da entrega. Um abandono que não é deliberado, não é resultado de um esforço próprio de desfazer-se do mundo e de si, mas é, ao contrário, o resultado de alguma ou de algumas perdas. Cristo vai perguntar, quando já pregado na cruz: “Pai, porque me abandonaste?”

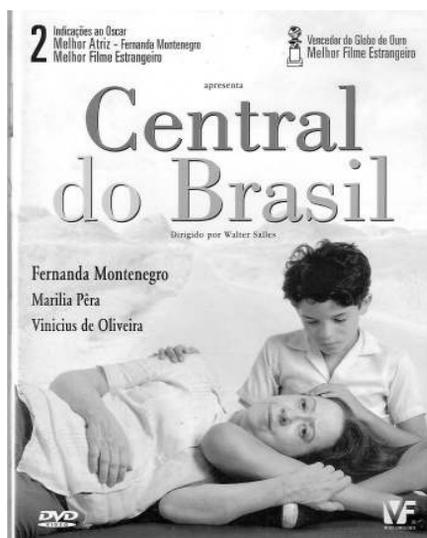
Dora perde o ônibus, é abandonada pelo caminhoneiro e depois por Josué, quando este se lança em meio à multidão. É em dor – no enlevo dela, no caso de Cristo, ou no desespero dela, no caso de Dora – que caem: morrem ou tombam para então serem acolhidos nos braços daqueles que se apiedam e os amam, a mãe e o menino, respectivamente. Na cena oriunda do acolhimento daquele que tomou na dor nasce a principal imagem cristã da piedade – as Pietás.



**Figura 1.** Pietá – Giovanni Bellini **Figura 2.** Pietá Michelangelo

Fonte 1: <http://www.initaly.com/regions/veneto/pix/bellini/pieta.jpg>

Fonte 2: <http://karinassa.blogs.sapo.pt/arquivo/285821.html>



**Figura 3.** Cartaz de divulgação do filme *Central do Brasil*

É esta imagem que aparece, renovada, nos cartazes de divulgação de *Central do Brasil*. Nela e em outros momentos do filme há aproximações entre as perdas e dores de Dora com as ocorrências dolorosas acompanhadas ao longo da Via Crucis, vividas por seu personagem principal, Cristo.

## AS ESTAÇÕES NO FILME

Se o sentido geral da Via Crucis cristã pode ser visualizado sob o sentido geral do filme *Central do Brasil*, cabe agora apontar quais os momentos do percurso dramático de Dora aludem mais diretamente aos momentos sacralizados na Via Crucis de Cristo.

Farei isto, devido à economia do texto aqui presente, a partir das próprias estações indicadas na narrativa cristã associadas aos locais dramáticos da narrativa fílmica. Esta associação será feita por meio da palavra escrita que remete ao imagético no filme. Três das estações não serão analisadas, apesar de aqui apresentadas, pelo fato de não terem corolários no filme.

### PRIMEIRA ESTAÇÃO: LOCAL DA CONDENAÇÃO

Se na tradição cristã a condenação tem como personagens centrais o mandatário político Pilatos e seus soldados, no filme identifico a condenação de Dora na boca dos gangsteres dos quais ela salva Josué.

Esses, um homem e uma mulher, gritam da janela de seu apartamento na periferia carioca a sentença: “Piranha, vagabunda. Tu tá morta”. Pouco depois desta sentença proferida contra Dora por um casal de bandidos, a personagem decide, ao invés de voltar para sua casa, ir para a rodoviária e tomar um ônibus junto com Josué, rumo ao sertão nordestino. É dentro do táxi, no momento mesmo em que Dora decide viajar, que inicia a sua peregrinação, a sua Via Crucis.

### SEGUNDA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE A CRUZ FOI COLOCADA NOS OMBROS DE CRISTO

Já na rodoviária do Rio de Janeiro, Dora telefona para a irmã e descobre que está sendo procurada pelo amigo agenciador da venda de Josué para os gangsteres. Ela então solicita que a irmã lhe envie dinheiro para o seu destino, Bom Jesus do Norte, e embarca no ônibus que a tira da cidade, juntamente com o menino que lhe nega qualquer contato e por isto torna-se algo semelhante a uma cruz, a qual ela tem que levar consigo.

### TERCEIRA ESTAÇÃO: LOCAL DA PRIMEIRA QUEDA.

Após terem se comunicado brevemente e Dora ter-se manifestado novamente crua e cruel em suas respostas ao menino, ela decide deixá-lo seguir só. Mas antes, num ato de cuidado, coloca boa parte de seu dinheiro na mochila de Josué e também suborna o motorista do ônibus para que este o leve até o destino. Enquanto o menino dorme, no ônibus, Dora compra passagem para voltar ao Rio de Janeiro.

Sentada no balcão do bar, vê o ônibus no qual havia embarcado no Rio deixar a parada e seguir rumo ao Nordeste brasileiro. Antes mesmo de sentir o alívio de ter se livrado de sua cruz, ela avista Josué sentado numa mesa ao fundo do bar. Corre até ele e quando descobre que este, além de descer do ônibus, deixou lá sua mochila com o dinheiro, ela senta-se desolada. Passam ali, os dois, muito tempo a não se olhar, se olhando sem saber o que fazer.

Quando Dora resolve então trocar a passagem que comprara para o Rio de Janeiro e receber o dinheiro de volta, descobre que o ônibus já partira e que seu dinheiro não poderá ser devolvido. Estas perdas seguidas, que lhe levaram todo o dinheiro, compõem a primeira queda de Dora, apresentada visualmente quando a personagem senta-se no chão e põe as duas mãos na cabeça enquanto arregala os olhos em desespero. Na cena seguinte, acompanhamos a passagem manca de um bode com as patas dianteiras quebradas...

### QUARTA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO ENCONTRA SUA MÃE, MARIA

Esta é a primeira das estações para as quais não encontrei corolário no filme.

### QUINTA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE SIMÃO AJUDA CRISTO A CARREGAR A CRUZ

O Simão de Dora será o caminhoneiro César. Será o encontro com ele que proporcionará a ela e Josué seguirem viagem. Mas não só isto. Por César Dora desenvolverá um sentimento afetivo forte, uma atração e uma esperança que lhe levará, pela primeira vez no

filme, a usar batom, algo pertencente ao universo feminino, negado por ela em todos os seus gestos, roupas e falas anteriores. Será na companhia de César que Dora sorrirá descontraidamente e proporcionará a Josué a experiência, semelhante à dela quando criança, de dirigir um veículo no colo de um homem adulto – no caso de Dora, seu próprio pai.

#### SEXTA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO ENCONTRA VERÔNICA, A VIÚVA

Esta é outra das estações sem corolário no filme. No entanto, neste caso, a cena em que Dora pede a cerveja, toma a iniciativa de tocar nas mãos de César, mostrando-se uma mulher já vivida – não virgem – talvez remeta a uma das imagens fortes de Verônica entre nós, a da prostituta. Receber o batom da mulher que encontra no banheiro pode remeter ao cuidado que Verônica teve com Cristo ao enxugar-lhe o rosto com um tecido.

#### SÉTIMA ESTAÇÃO: LOCAL DA SEGUNDA QUEDA

Ao sair do banheiro onde foi lavar o rosto e arrumar os cabelos, numa atitude feminina de encanto e conquista, Dora não mais encontra César sentado à mesa. Olha para Josué e este indica com um olhar o caminhão que sai a toda velocidade estrada afora. Vemos, então, Dora abaixar a cabeça em silêncio e dor, agarrada ao basculante de uma pequena janela. Essa dor da perda do amor possível seria a segunda queda ao longo de sua Via Crucis.

#### OITAVA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO FALA ÀS MULHERES DE JERUSALÉM

Esta é a terceira e última estação para a qual não encontrei corolário no filme. No entanto, em minha sequência interpretativa, entre a estação anterior e a seguinte há um longo tempo filmico, no qual vemos Dora dar o último objeto de valor que possui para conseguir embarcar com Josué na boléia de um caminhão de romeiros até Bom Jesus do Norte.

O objeto que ela deixa para o dono do caminhão é um relógio, ícone da cultura urbana e trabalhadora, a qual ela perdeu pouco a pouco na vida e na viagem. Na carroceria do caminhão eles ouvem ladainhas tradicionais e conversam com alguns dos que ali também rumam na direção de alguma graça.

Na única parada que o caminhão faz, os personagens estão num lugar ermo, onde há uma pequena igreja e um morro ressequido. É neste lugar esvaziado de gente, feito ruína, que Dora e Josué se despedem de Ana, mãe de Josué, ao pendurarem, numa árvore cheia de outros objetos deixados por romeiros, o lenço que havia caído das mãos de Ana no dia de sua morte. Fazem ali um enterro simbólico e carinhoso para aquela que uniu os destinos dos dois e precipitou Dora no caminho da transformação pela dor, ou no caminho de Cristo, Josué.

#### NONA ESTAÇÃO. LOCAL DA TERCEIRA QUEDA

Após terem chegado a Bom Jesus do Norte e descoberto que o endereço que tinham não mais era habitado por Jesus, pai de Josué, Dora e o menino se desentendem fortemente e ela o acusa de ser “uma desgraça” na vida dela. Este, após olhar com tristeza e ódio para ela, foge pela multidão adentro. Dora se dá conta de que perdeu a única pessoa que tinha conquistado na vida e sai à procura de Josué em meio aos fiéis, aos fogos de artifício, às rezas, às lamentações e promessas... em meio à noite. Grita chamando o menino que não lhe responde nem retorna até ela. Esta é a terceira queda de Dora. Pela terceira vez seu rosto se transfigura em dor e impotência.

#### DÉCIMA ESTAÇÃO. LOCAL ONDE CRISTO FOI DESPIDO

Dora se vê nua em seu desejo de ter novamente Josué ao lado dela. Ela o deseja acima de tudo, acima de sua própria fome e raiva. Entra no meio da multidão enquanto grita e procura Josué. Num caminhar rápido, quase corrido, desesperado, ela chega à casa dos ex-votos do santuário. Ali ela está só, sem mais ninguém ou nada. No entanto, assim como Cristo, ao seu redor há o murmúrio da multidão a lhe dar certeza de que há muitos ali. Mas nenhum a salvará.

## DÉCIMA PRIMEIRA ESTAÇÃO. LOCAL ONDE CRISTO É PREGADO NA CRUZ

Quando pára no interior dos ex-votos, Dora é atingida pela memória posta em cada um daqueles objetos e papéis e fotos. Tudo ali são lembranças, vestígios de graças atendidas e promessas cumpridas.

É no interior daquele lugar, sobrecarregado de coisas dispostas aleatoriamente para lembrar e agradecer, que Dora é, por assim dizer, pregada na cruz, punida por sua própria cultura, seu próprio povo. Um povo que rememora e acredita, um povo que tem fé e se move a partir dela, um povo que acredita no pai e pede a ele que realize seus desejos e esperanças. Tudo o que ela não é e nem acredita. Por isto mesmo, ali, nos ex-votos, ela é colocada diante de sua maior dor, da dor que lhe acompanhou e marcou toda a vida até então: a lembrança da ausência do pai. Tudo gira ao seu redor...

## DÉCIMA SEGUNDA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO É CRUCIFICADO E MORRE

Mais que a lembrança da ausência do pai, dói em Dora o esquecimento dele de quem era ela. É essa memória do pai que a esqueceu conjugada à perda recente de mais uma pessoa que ela amava, Josué, que leva Dora a perder todas as forças, desmaiar e cair pelo chão.

Ali ela morre simbolicamente para uma vida sem carinho e sem cuidado.

Ali ela sente o quanto o afeto de quem ama é fundamental a ela mesma.

Ali ela conhece a dor maior como a dor do esquecimento, do abandono.

## DÉCIMA TERCEIRA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO É AMPARADO APÓS SER DESCIDO DA CRUZ

Na manhã seguinte, Dora acorda nos braços e no colo de Josué. Abre os olhos, o vê e suspira brandamente, se aconchegando mais naquele acolhimento. No enlace feito pelo menino, ela encon-

tra o caminho da piedade, da compaixão. Ela viveu a noite como passagem. Passagem de uma vida a outra, de um modo de ser a outro. O alvorecer a traz novamente à vida.

#### DÉCIMA QUARTA ESTAÇÃO: LOCAL ONDE CRISTO É SEPULTADO

Se após o rompimento e o reencontro com Josué, Dora reinicia junto dele uma vida nova, sendo ele o seu guia, o sepultamento definitivo da Dora que vivia no Rio de Janeiro se realiza nos Correios. Foi ao entrar neste lugar e postar as cartas para seus destinos que a personagem abandona de vez sua vida anterior. Reconhece na escrita, nas cartas que escreve o não esquecimento, a persistência dos elos afetivos, a manutenção da memória como vida.

#### DÉCIMA QUINTA ESTAÇÃO. LOCAL ONDE CRISTO RESSUSCITOU DOS MORTOS

Após ter sepultado seu antigo ser, Dora toma um ônibus para o conjunto habitacional onde encontrará, por acaso, os irmãos de Josué. Depois deixará entrever, nas entrelinhas de sua leitura da carta de Jesus para Ana, que Josué é irmão de Isaías e Moisés, e decidirá, também durante a noite, que o deixará junto de seus irmãos e partirá sozinha.

Mais uma vez, o filme apresenta a noite como passagem. Dora levanta antes do alvorecer, coloca o vestido que Josué lhe deu, passa batom nos lábios – se faz mulher – e deixa a casa dos irmãos antes mesmo que o sol apareça no horizonte. Toma o mesmo ônibus que a levou ao conjunto habitacional e ali inicia sua viagem de volta. No entanto, ela já não é mais a mesma, pois agora se permite lembrar e se permite saber o quanto dói ser esquecida. Escreve então a Josué e pede que ele não a esqueça e que, quando quiser se lembrar dela, olhe a foto dos dois juntos na feira.

#### OS FINAIS

O filme termina com Dora, no ônibus que a leva para longe de quem ela ama, chorando – num misto de dor e alegria – porque sente saudades.

Invertendo o argumento que utilizei até o momento, de que Dora refaz o caminho de Cristo, o final vivido por esta personagem no filme *Central do Brasil* indica de uma maneira um tanto nostálgica e um tanto poética que talvez Cristo, após ter ascendido aos céus, teve saudades dos homens, pois os amava tanto que morreu por eles. Por isto, para que não o esquecessem, destinou a alguns homens produzirem imagens de sua paixão e espera que todos os demais cristãos mirem estas imagens onde ele próprio estaria grafado na mensagem de padecimento e piedade.

O filme *Central do Brasil* ao nos levar à compaixão por Dora em seu padecimento ante tanta dor e perda nos faz reviver a paixão de Cristo sob o drama de Dora. A peregrinação que assistimos na tela faz com que nos sintamos piedosos com aqueles que sofrem, realizando a mensagem impregnada nas tantas Pietás espalhadas pelas igrejas cristãs de todo o ocidente.

Essa peregrinação, esse percurso que muitos praticam no contexto físico e concreto de determinados locais eleitos como sagrados, simbolizando, como já foi aqui destacado, a peregrinação dos fiéis na terra santa, é o que esta interpretação fílmica exacerba enquanto identidade emotiva da narrativa fílmica com o sentido existencial dos cristãos que entraram em contato com a obra.

O percurso da peregrinação realiza uma geografia pautada na complexa simbologia das imagens, interagindo com o imaginário e a subjetividade humana na busca de referenciais que permitam ao homem, a cada indivíduo em meio a sua coletividade, estabelecer referenciais de localização e orientação – exemplos –, de se identificar no mundo a partir dos elementos místicos, estéticos e necessariamente vitais para perpetuação e produção de sentido de sua existência. A dor de Dora é a dor de todos nós na difícil missão que é aprender a viver a partir das condições temporais e espaciais que nos envolvem e que produzimos a partir de nosso deslocar/viver o mundo. Se o fim comum de todos nós é a morte, a forma como a encaramos dependerá da nossa capacidade de elaboração de sentidos para a vida ou deixar que o único sentido desta vida seja vivê-la.

## REFERÊNCIAS

ABELA, John. **Jerusalem – the way of the cross – Via Crucis**. Reflections, prayers and descriptive text. 2001. Franciscan Cyberspot. Disponível em: <<http://198.62.75.1/www1/jsc/TVCmenu.html>>. Acesso em: 9 ago. 2007.

AFONSO, Carlos Alberto. O poder do adeus na Central do Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 9-37, 1999.

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BETTENCOURT, Dom Estêvão. A Via Sacra: o que é? Como teve origem? **Revista Pergunte e Responderemos**, Editora Cléofas Internet Site, n. 368, 1993. Disponível em: <<http://www.cleofas.com.br/virtual/texto>>. Acesso em: 10 maio 2007.

KEMPIS, Tomás de. **Imitación de Cristo**. Madrid: Debate Editorial, 2000.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo Herege**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

SALESIANOS. **Via Sacra virtual**. Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora – Bom Retiro. Disponível em: <<http://www.auxiliadora.org.br/viasacra>>. Acesso em: 9 ago. 2007.

## REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

CENTRAL DO BRASIL. **Brasil**. Walter Salles, 1998.

Recebido em 15/10/2008.

Aprovado para publicação em 23/03/2009